

O mundo na tela da universidade

Por computador, faculdades e centros de pesquisa brasileiros estão ligados a instituições do mundo inteiro, permitindo a alunos consultar bancos de dados como os da Universidade da Califórnia ou da Biblioteca do Vaticano

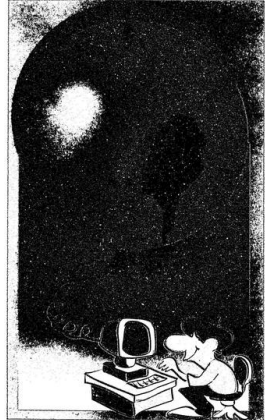
MARCELO BALBIO
O mundo vai se abrir para quem quiser usar uma máquina de B um verdadeiro presente de Natal para os aprovados no vestibular. Muitas faculdades públicas brasileiras e algumas privadas, já estão ligadas à Internet — o mundo inteiro —, permitindo ao aluno brasileiro ter contato com estudantes e pesquisadores de outros países, consultar bibliotecas, pesquisar bancos de dados sobre os mais diversos assuntos e até paquerar por computador.



Sérgio Gusdes (à esquerda), do NCE da UFRJ, e outro aluno

Teses, OVNIs e blá-blá-blá

Física, agricultura, história, matemática, literatura, informática, medicina, jornalismo... Não há fronteiras para a Internet. Há de tudo: de artigos técnicos a joguinhos de computador, passando por reportagens, livros inteiros compilados, listagens com acervos de bibliotecas, softwares disponíveis para cópia, conversas lúdicas e até mesmo brigas de manuseados. A rede permite não só ler os textos e trocar mensagens entre os usuários como também copiar integralmente grande parte dos bancos de dados e contribuir com novas informações. Desta forma, cada instituição pode criar seu próprio banco de informações e torná-lo disponível para consulta. Professores e estudantes de matemática do mundo inteiro, por exemplo, têm encontrado marcados nos fóruns de discussão da Sociedade Americana de Matemática.



Para quem vive no mundo da lua, tem o Banco de Dados Extragaláctico da Nasa, sobre asteroídes, OVNIs, galáxias, eclipses, etc. Se estiver com dificuldades de encontrar bibliografias para um trabalho qualquer, pode procurar indicações de livros ou mesmo consultar alguns nos acervos de centenas de bibliotecas. Na Universidade da Califórnia, há folhetos catálogos de teses, livros, periódicos, mapas, partituras musicais, peças de teatro, entre outras publicações.

Informações acessíveis a 32 milhões de pessoas

A democratização da informação é a maior vantagem da Internet e, agora, da rede Rio. Criada em 1989 pelo Departamento de Dados dos EUA para fins militares, a Internet ganhou o mundo e hoje tem cerca de 32 milhões de usuários em 125 países. A rede se amplia a cada dia — em 20 países. Há livros em português sobre o assunto, como "Zen e a arte da Internet" e "O manual da Internet" (Ed. Campus). A PUC-RJ pensa em criar ano que vem um curso para os neófitos.

Bicho ligado na tomada

Um bicho de sete cabeças com o rabo ligado na tomada. É assim que muitos estudantes, professores e pesquisadores — usuários polêmicos — vivem a rede. Com exceção dos interessados em ciências exatas, que naturalmente têm mais atração por inovações tecnológicas, as das demais áreas, como ciências humanas e biológicas, morrem de medo de acessar o computador para buscar informações ou enviar uma simples mensagem para um amigo no exterior.



O acervo da Biblioteca do Vaticano, com manuscritos e obras raras, está na rede

No terminal, o Vaticano

Não há pesquisa complicada que exija a uma consulta à biblioteca do mundo inteiro. A rede oferece a seus usuários acesso aos mais diversos tipos de instituições culturais — da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, à Biblioteca do Vaticano.

Mesmo que a pessoa não encontre exatamente uma cópia digitalizada do livro ou da obra que ela procura, vai poder conseguir pistas de quais títulos poderão lhe ser úteis, consultando as listas de referências bibliográficas.

Fundada em 1450 pelo Papa Nicolau V, a Biblioteca do Vaticano hoje faz parte de um projeto moderníssimo de informatização e distribuição em nível mundial de seu acervo. No entanto, são problemas que, com o tempo, vão sendo superados — explica Fernando Pergrino.

Como exemplo de aplicação multimídia, o diretor superintendente da Fapeq cita o vídeo-conferência, em que duas pessoas podem conversar por computador, de lugares distantes, sobre suas imagens projetadas no monitor.

Encurtando as distâncias

É um mundo de informações, com milhares de bancos de dados. Há desde discussões seríssimas até desenhos de mulher pelada — explica empolgado Gladstone Arantes, aluno do oitavo período de informática da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Como "rede-mãe", a Internet espelha milhares de redes menores, encurtando distâncias. Assim, um pesquisador da PUC do Rio, por exemplo, pode conversar tanto com um colega da Universidade da Califórnia quanto da Universidade de São Paulo (USP) ou de qualquer outra instituição que tenha uma rede ligada à Net.

Histórias de 'viciados' na rede

Fábio Corbellini Pereira está se despedindo da sala da PUC-RJ, mas dificilmente se desligará da Internet: já recebeu convite para continuar na PUC como funcionário do Rio de Janeiro (onde tem seu endereço eletrônico), e se considerará um "viciado saudável" na rede.

— As informações que consigo pela Internet foram fundamentais para minha formação. Costumo manter contatos com estrangeiros, tirar dúvidas, bater papo e até comprar livros e CDs — conta Fábio, no último ano de engenharia elétrica.

Descobri a rede cedo; é um vício, conversamos a respeito de tudo

Aluno do segundo período do curso de licenciatura em informática da UFRJ, André Uchôa é representante carota da comissão que discute a regulamentação do profissional de informática, e troca ideias com colegas de outras universidades — brasileiras e estrangeiras.

— Descobri a rede cedo, é um vício. A gente conversa sobre tudo, manjamos no currículo, falta de regulamentação da profissão. O professor Abraham Zakon, da Escola de Química do

Fundou, também encontrou na rede uma forma prática de fazer contatos.

— Convidei professores de outras universidades para participarem do Congresso Brasileiro de Ensino de Engenharia, em outubro em Porto Alegre.

Daniel Raton Pignatelli, do quinto período de informática da UFRJ, é conhecido pelas paquerias via Internet.

No fim de agosto, foi a São Paulo encontrar uma aluna da USP que conheceu pela rede.

— Começamos trocando mensagens e marcamos um encontro em São Paulo.

Não me decepcionou o que encontrei. Mas foi só uma notinha — confessa ele.

No Fundão, aliás, não faltam histórias. Sérgio Gusdes, diretor da Área de Apoio Acadêmico do Núcleo de Computação Eletrônica (NCE), brincou que uma oculta praticamente se casou pela rede.

— Ela conheceu um alemão pela Internet e eles acabaram namorando por computador. Hoje, ela está estudando na Alemanha, casualíssima.

— Mesmo devagar, o Brasil está percebendo a importância da rede e a necessidade de detectar disponível, em nível mundial, o material informativo que temos aqui — afirma Fernando Pergrino, diretor superintendente da Fapeq.

— Mas isso também se deve às nossas limitações tecnológicas como falta de equipamentos e linhas telefônicas mais modernas. Nem todas as instituições têm computadores de última geração, por exemplo. No entanto, são problemas que, com o tempo, vão sendo superados — explica Fernando Pergrino.

Outra instituição que está em fase de digitalização de seu acervo é a Biblioteca Nacional. Mas, por enquanto, só está disponível na rede Internet o catálogo de monografias e teses, com cerca de 200 mil títulos, além de listas de periódicos.

— Nos próximos cinco anos, esperamos que todo o acervo da biblioteca possa ser consultado pela rede, incluindo mapas e partituras. Muitas pessoas de outros estados e países já estão procurando nossa instituição — diz Maria Eunília Nascimento, chefe do setor de Informática da Biblioteca Nacional.

O setor também oferece endereços eletrônicos a pesquisadores cadastrados.

— Mas isso também se deve às nossas limitações tecnológicas como falta de equipamentos e linhas telefônicas mais modernas. Nem todas as instituições têm computadores de última geração, por exemplo. No entanto, são problemas que, com o tempo, vão sendo superados — explica Fernando Pergrino.

Como exemplo de aplicação multimídia, o diretor superintendente da Fapeq cita o vídeo-conferência, em que duas pessoas podem conversar por computador, de lugares distantes, sobre suas imagens projetadas no monitor.

— Mas isso também se deve às nossas limitações tecnológicas como falta de equipamentos e linhas telefônicas mais modernas. Nem todas as instituições têm computadores de última geração, por exemplo. No entanto, são problemas que, com o tempo, vão sendo superados — explica Fernando Pergrino.

Como exemplo de aplicação multimídia, o diretor superintendente da Fapeq cita o vídeo-conferência, em que duas pessoas podem conversar por computador, de lugares distantes, sobre suas imagens projetadas no monitor.

— Mas isso também se deve às nossas limitações tecnológicas como falta de equipamentos e linhas telefônicas mais modernas. Nem todas as instituições têm computadores de última geração, por exemplo. No entanto, são problemas que, com o tempo, vão sendo superados — explica Fernando Pergrino.

Como exemplo de aplicação multimídia, o diretor superintendente da Fapeq cita o vídeo-conferência, em que duas pessoas podem conversar por computador, de lugares distantes, sobre suas imagens projetadas no monitor.

— Mas isso também se deve às nossas limitações tecnológicas como falta de equipamentos e linhas telefônicas mais modernas. Nem todas as instituições têm computadores de última geração, por exemplo. No entanto, são problemas que, com o tempo, vão sendo superados — explica Fernando Pergrino.

Como exemplo de aplicação multimídia, o diretor superintendente da Fapeq cita o vídeo-conferência, em que duas pessoas podem conversar por computador, de lugares distantes, sobre suas imagens projetadas no monitor.

— Mas isso também se deve às nossas limitações tecnológicas como falta de equipamentos e linhas telefônicas mais modernas. Nem todas as instituições têm computadores de última geração, por exemplo. No entanto, são problemas que, com o tempo, vão sendo superados — explica Fernando Pergrino.

Como exemplo de aplicação multimídia, o diretor superintendente da Fapeq cita o vídeo-conferência, em que duas pessoas podem conversar por computador, de lugares distantes, sobre suas imagens projetadas no monitor.

— Mas isso também se deve às nossas limitações tecnológicas como falta de equipamentos e linhas telefônicas mais modernas. Nem todas as instituições têm computadores de última geração, por exemplo. No entanto, são problemas que, com o tempo, vão sendo superados — explica Fernando Pergrino.

Como exemplo de aplicação multimídia, o diretor superintendente da Fapeq cita o vídeo-conferência, em que duas pessoas podem conversar por computador, de lugares distantes, sobre suas imagens projetadas no monitor.

— Mas isso também se deve às nossas limitações tecnológicas como falta de equipamentos e linhas telefônicas mais modernas. Nem todas as instituições têm computadores de última geração, por exemplo. No entanto, são problemas que, com o tempo, vão sendo superados — explica Fernando Pergrino.

Como exemplo de aplicação multimídia, o diretor superintendente da Fapeq cita o vídeo-conferência, em que duas pessoas podem conversar por computador, de lugares distantes, sobre suas imagens projetadas no monitor.

— Mas isso também se deve às nossas limitações tecnológicas como falta de equipamentos e linhas telefônicas mais modernas. Nem todas as instituições têm computadores de última geração, por exemplo. No entanto, são problemas que, com o tempo, vão sendo superados — explica Fernando Pergrino.

Universidades

Na PUC-RJ
Reitoria, Biblioteca, Rio Data, centro, faculdades de Direito, Educação, Engenharia, Economia, Administração, Informática, Física, Química, Matemática e Serviço Social.

Na UFRJ
Núcleo de Computação Eletrônica (NCE), Coordenação de Programas de Pós-Graduação em Engenharia (COPPE), Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, Centro de Tecnologia, Centro de Ciências da Saúde e reitoria

Na Uerj
Todas as unidades, inclusive a reitoria e a unidade de Caselas (Bavada Fluminense)

Na UFF
Centro de Estudos Gerais, Centro de Estudos Sociais, Centro Tecnológico e Centro de Ciências Médicas, além da parte administrativa (reitoria)